

Homem de Areia: a saga nordestina



A polícia na guerra de Princesa

LETICIA BORGES

Estreou ontem no Cinema 10 o filme **O Homem de Areia**, de Vladimir Carvalho. Este é o segundo longa-metragem documentário do cineasta paraibano radicado em Brasília. O primeiro - **O País de São Saruê** - que ficou quase dez anos preso na Censura, foi um contundente documentário sobre o Nordeste, a seca, a vida difícil e miserável do nordestino.

O **Homem de Areia** enfoca a figura de José Américo, autor de "A Bagaceira" e personagem de destaque na vida política brasileira. Da Revolução de 30 em diante todos os acontecimentos importantes da política nacional contaram com a presença de José Américo. Um revolucionário ou um conciliador? Esta questão permeia a obra de Vladimir e talvez fique sem resposta. De qualquer forma, o assunto está na ordem do dia e é sempre bom saber o que a história tem a nos ensinar.

Tancredo Neves chorando ao lado do caixão de Getúlio Vargas é, sem dúvida, um belo momento do filme, mas outras grandes personalidades políticas também poderão ser vistas, de João Pessoa a José Sarney. "Cenas de caculismo político, de demagogia explícita e fraude eleitoral" não faltam à fita, garante Vladimir. Atual, **O Homem de Areia** não pode deixar de ser visto por ninguém que se interesse pela história brasileira contemporânea, sobretudo os políticos.

Vladimir já está calejado nas batalhas intermináveis de quem lida com cultura neste país que tem que enfrentar. Agora, no entanto, a luta duplicou com o lançamento do filme. Além das dificuldades "naturais", não é fácil competir com **Gandhi** ou qualquer outra superprodução (estrangeira ou não). Mas isto não o assusta e ele segue em frente, vai a luta. Na UnB, onde é professor, Vladimir pode ser encontrado pelos corretores distribuindo impressos do filme, montando murais que detalhem um pouco mais seu tema (sabemos pouco da nossa própria história, devemos conhecer) e acertando debates com alunos e professores. Na Escola Normal, no CEUB e na UDF, além de na própria UnB, o filme deverá ser discutido. Além disso, Vladimir percorre emissoras de TV e os jornais locais divulgando seu trabalho, num ritual que ele considera normal. "Isto é feito nos grandes centros, o artista está acostumado a

este trabalho".

Entre uma coisa e outra, Vladimir falou ao **Correio Braziliense** sobre o lançamento, seus planos, os problemas que enfrentou, a acolhida que o filme recebeu no Rio, onde foi lançado no ano passado.

CB - Por que José Américo?

Vladimir - A figura de José Américo é um mero pretexto para se falar de problemas crônicos do Nordeste. Ele é uma súplica do político de uma região subdesenvolvida que se projetou no espaço da política brasileira como um importante elemento. Ao mesmo tempo em que José Américo é esta súplica, o filme é uma espécie de piloto, e também síntese de quase meio século de vida brasileira.

CB - Sobre tudo a vida política.

Vladimir - Certo. Então, ao nível da própria estrutura do filme, você tem um jogo de espelhos e, neste sentido, são vários filmes num só. Por exemplo, o declínio das grandes oligarquias, que, longe de ser um fenômeno paraibano ou nordestino, é um dado da cultura política brasileira, por si só já constituiria um fio para uma trezena de filmes. Vem depois o racha dessas oligarquias, um remanejamento de forças dentro de uma mesma classe social, ou, no mínimo, um acordo entre a classe dominante - os coronéis do interior e a burguesia ascendente das cidades. E um momento muito rico, este, que antecede e faz acontecer a Revolução de 30 - o grande trauma que abalou estruturas, redefiniu posições e projetou a Paraíba, juntamente com o Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

CB - O que isto significou para a Paraíba?

Vladimir - A Paraíba passou a existir a partir deste acontecimento e é interessante notar que é justamente José Américo quem projeta seu Estado em dois campos, pois ele já fizera uma revolução na literatura com a publicação de "A Bagaceira", de 1928, fundando o romance social brasileiro. Assim, utilizo-o como pretexto para trazer para o primeiro plano um contexto um tanto quanto desconhecido, mas semelhante à atualidade. Como ele, muitos dos políticos já desaparecidos eram liberais e conservadores ao mesmo tempo. No fundo, o que pretendiam era manter suas posições de classe dominante, consolidando conquistas que não eram levadas às últimas consequências e que poderiam ser definitivas, como a reforma agrária. José Américo, mesmo, propalou a

necessidade de se salvar o Nordeste, mas perdeu-se no quadro das contradições do movimento de 30, enchendo o Nordeste de verdadeiros mares internos, os acúdes, mas que nunca tiveram suas terras marginais desapropriadas. Vale dizer que toda vez que a classe dominante se arvora em salvadora, termina por legislar em causa própria. A grande propriedade foi enriquecida e o povo continuou ainda mais pobre.

CB - De lá para cá, você acha que o quadro mudou?

Vladimir - Avançou-se nas condições objetivas, mas as classes dominantes amoldaram as soluções que teriam interesse social e beneficiariam todo o povo.

CB - O que em José Américo despertou seu interesse?

Vladimir - As contradições. Vi nascer uma possibilidade de projetar uma ação. Basta comparar o plano da ficção, "A Bagaceira", e o plano da prática política, a frustração da acudagem. Você tem José Américo como teríamos hoje o ministro Andreazza cruzando o céu do Brasil numa trajetória de salvação. Aliás, quando José Américo caiu de avião nos mares da Bahia, ressurgiu das águas com aura de salvador; ele se achava um protegido dos deuses.

CB - Estamos em 1983. O que é importante no filme para trazer estes fatos para hoje?

Vladimir - Meu filme não tem compromisso nostálgico, pelo contrário, o sentido dele é o resgate dos fatos e pessoas do passado que têm íntima ligação com o presente.

CB - O documentário atinge os objetivos a que você se propõe? Muita gente o considera um tipo de linguagem cansativa, monótona.

Vladimir - O documentário é uma linguagem contundente, não muito diferente dos recursos de ficção, contudo, é muitas vezes irrepelível. Um material filmado ao vivo é um dado da história, não tem como ser contestado. O problema é que o cinema foi levado a assumir intensamente o espetáculo. Dentro de um quadro em que o capitalismo impôs as leis do lucro, o cinema se transformou logo uma mercadoria, com a função de divertir. O cinema mais reflexivo, de investigação, documental, passou a servir especificamente à Sociologia, à Ciência Política etc. Pessoalmente, me fixo muito no espetáculo da vida, vejo desfilar todos os dias uma verdadeira epica dos acontecimentos. Agora mesmo, só para exemplificar, veja os lances emocionantes, irretocáveis da história de Teotônio Vilela. Era só ter acompanhado seus últimos 3 meses de atividade e teríamos um documentário altamente dramático.

CB - Vladimir, inevitavelmente, este seu segundo filme será comparado ao primeiro. Qual a relação entre eles, o que há de comum e o que os diferencia?

Vladimir - São dois filmes distintos e que se intercomunicam pelo tema da saga nordestina. No primeiro, levando parte da cultura e da sociedade sertanejas através da coletividade, mas termina por ser uma defesa do homem. No segundo, através de uma personalidade, faço o inventário dos aspectos políticos da mesma sociedade. O que num é paisagem, no outro é retrato, mas todos os dois trabalham o mesmo contexto, o resgate do Nordeste.

CB - A crítica recebeu muito bem **O País de São Saruê**. O que você espera para este segundo filme? Num **avant premiere** realizada em

Brasília, ele recebeu críticas negativas.

Vladimir - Em verdade, em Brasília eu ainda não sei como será, ainda não houve nenhuma crítica formalizada. No Rio, onde o filme foi lançado no ano passado, os comentários foram os melhores possíveis: o **Jornal do Brasil** deu 4 estrelas e no **Globo**, o bonequinho bateu palmas. O **Diá**, através do crítico Nelson Hoineff, colocou o entre os 10 melhores do ano. O Conselho Nacional de Cinema, Concine, incluiu-o também entre os 10 melhores do ano, através do prêmio anual de qualidade.

CB - E depois, você já tem planos?

Vladimir - Em seguida, vou partir para o terceiro momento da minha trilogia ligada ao Nordeste, que é o nordestino fora de sua terra, o escravo errante que veio construir a cidade do farol - Brasília. São partes da mesma história: coletividade, personalidade e sofrimento do nordestino fora de sua terra. "Conterranos velhos de guerra" (ou "Brasília-DF"), o título ainda não está definido - os que não tiveram direito à cidade e foram expulsores para a periferia, fecha o circuito dos longos.

CB - Fecha por que você pensa em se dedicar mais a Brasília? Há ou haverá, depois da fase nordestina, uma fase brasileira?

Vladimir - Há filmes feitos nos arredores de Brasília, que não sei se configurariam uma fase. Pretendo me dedicar ao que aparecer, mas sempre trabalhando dados culturais, sociais e políticos, principalmente os da política, espécie de nervo e carne do cotidiano brasileiro.

CB - E sempre no documentário? Dizem que documentário de longa metragem não recupera nem o custo das cópias de lançamento, é verdade?

Vladimir - Vinte dias que tivesse, não daria conta dos apelos que sinto para filmar a realidade. Acho que em relação ao documentário existe um preconceito que é, antes de mais nada, cultural, e que tem como principal foco de resistência o setor da exibição. O documentário é o último gênero a ser programado pelos exibidores que priorizam os filmes de apelo, os que vendem mais: sexo, violência, espetáculos extraterrestres. Com essa dificuldade de se apresentar, o filme documentário fica cada vez mais longe do público e se fortalece para alienação. E um círculo vicioso.

CB - Por que você precisa fazer este superesforço para divulgar seu filme? Se fosse uma superprodução, seria mais fácil?

Vladimir - E mais ou menos natural que o artista bataleie em cima da sua obra. No Brasil, se reproduz o sistema internacional. Se não se justifica, compreende-se que num país ocupado como o nosso, estas relações se reproduzam, não é fácil competir com o Oscar. Os filmes aqui que merecem um tratamento mais cuidadoso são os que mais se aproximam do modelo que vem de fora.

CB - A Frente Cultural do DF está organizando um debate sobre o seu filme. Quando e em que condições isto se dará?

Vladimir - O debate será no próprio cinema, em um dos dias de público mais fraco, para que não se impeça o ritmo normal das sessões, na semana que vai do dia 18 ao dia 22. Além de mim, contará com a presença de Pompeu de Souza, Antônio Beluco Marra e um representante do Departamento de Sociologia da UnB.